



grupo permaneceu ativo por quase dois anos, mas, segundo Lidiane, como ele não era muito valorizado, alguns jovens foram desacreditando e deixaram de participar. Lidiane diz que não desistiu de ver o grupo vivo de novo, tanto que sempre que tem a oportunidade de participar de algum tipo de formação para a juventude, procura levar jovens do assentamento para poder ir estimulando o retorno à organização.

Das duas filhas que moram com os pais, Lidiane é a mais interessada pelo trabalho na agricultura, segundo

ela, sua irmã, Ana Paula, gosta mais de cuidar das tarefas da casa. Quando está no assentamento, Lidiane trabalha com os pais e mais dois de seus irmãos que se casaram e moram no Almir Muniz e no Assentamento Padre João. As criações são o forte da família, hoje eles tem 20 cabeças de gado, 8 cabras, 10 carneiros, 10 galinhas, 10 perus e uma pata. Os animais são alimentados com milho, cana-de-açúcar e capim. Para o gado e os ovinos, seu Moacir faz uma mistura com estes produtos e passa na forrageira. Nos tempos de seca, complementa com ração balanceada.

A produção vai para o consumo da família, mas eles participam da Feira Agroecológica de Itabaiana, que acontece de 15 em 15 dias, aos sábados. Levam inhame, macaxeira, laranja, abacaxi, bolo, cocada, tapioca, bolo e beiju. Em setembro de 2014, a família conquistou uma cisterna calçada do P1+2 (Programa Uma Terra e Duas Águas). Ainda não deu tempo da cisterna encher, mas a família já faz planos para a água a mais que vai ter no próximo inverno. A gente pensa em quem sabe, poder produzir mais verduras e negociar com elas também, diz dona Zezé. Seu Moacir espera aumentar as criações. Para outras famílias que ainda não conquistaram o seu pedaço de chão, dona Zezé, dá o recado: eu sempre tive a certeza de que um dia ainda ia morar nessa terra. Não desistam, porque quem não desistir, consegue. Não é fácil, mas vem a recompensa, finaliza.



Da luta pela terra à conquista do seu chão: a história da família de dona Zezé e seu Moacir



Maria José da Silva Cruz, dona Zezé, como é conhecida, e Moacir Muniz da Cruz cresceram na comunidade de Mendonça, município de Itabaiana. Os dois se casaram e foram viver em uma casinha nas terras da mãe de dona Zezé, em Mendonça mesmo. O casal morava nessas terras e trabalhavam pagando foro na fazenda de propriedade de Manoel e Alaíde Borges, vizinho à Comunidade. Junto com eles, várias famílias também trabalhavam nesse regime.

O casal teve 11 filhos, 5 mulheres e 6 homens. Destes, hoje só moram com o casal a mais nova, Lidiane, de 21 anos, e Ana Paula, de 24 anos. Dos homens, dois vivem em Mendonça, dois moram no Assentamento Padre João, em Mogeiro-PB e dois moram no Rio de Janeiro. Do restante das mulheres, uma também mora no Rio de Janeiro, outra mora em João Pessoa e outra mora perto da casa onde os pais vivem hoje.

Dona Zezé e seu Moacir trabalharam pagando o foro até o ano de 1998, quando o dono quis arrendar a fazenda para um usineiro e não permitiu mais que o pessoal trabalhasse lá. Dona Zezé conta que eram ao todo, 50 famílias, e que foi uma agonia o despejo do pessoal que, a princípio, não queria sair. Eles trouxeram capangas armados, que colocaram todo mundo pra fora, mas nós não desistimos, lembra dona Zezé.

Foi nesse momento que as famílias começaram a se organizar. Ocuparam as terras, botaram roçados e começaram a trabalhar de novo. Houve novos despejos, ameaças de morte e toda tentativa de intimidação por parte de grupos de pistolagem que passaram

a atuar na região. Eles atiravam pedras nas nossas casas, matavam bichos, tinha noite que a gente não dormia, diz dona Zezé.

No meio do clima de medo, muitas famílias foram embora, assustadas ou descreditadas que pudessem conquistar aquele chão. O grupo que era de 50, ficou com 24 famílias, entre elas a de seu Moacir e dona Zezé. Estas continuaram alimentando o sonho de um dia, puderem viver na terra onde haviam dedicado tantos anos de trabalho. Seu Moacir, dona Zezé e Lidiane, que já era menininha na época, contam que o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) de João Pessoa, foi fundamental na luta. A gente ocupou INCRA, acampou em praça, fomos a um monte de reunião, a luta foi pesada, diz dona Zezé.



Em 2002, Almir, agricultor tratorista e uma das principais lideranças do grupo, saiu, em 29 de julho, dia em que completaria 40 anos, às 7 horas da manhã, para puxar o



carro de um conhecido em Itabaiana e não voltou mais. Sua família e as demais o procuraram desesperados por 15 dias, quando o trator usado por ele foi encontrado sujo de sangue em um canavial na comunidade de Caricé, município de Itambé, em Pernambuco. Para as famílias não restava dúvida que Almir havia sido assassinado, pelo papel que tinha na luta, como forma de intimidar os demais. Porém, seu corpo jamais foi encontrado e as investigações não evoluíram por influência de poderosos da região.

Seu Moacir conta que já tinham ameaçado ele várias vezes. Ele sempre dizia, se me matarem, não desistam da luta. E a gente não desistiu, não! Conta, Zezé. A morte dele deu força pra gente, completa a agricultora. Em 2004, finalmente saiu a desapropriação da terra. A família de Moacir e Zezé ainda morou na sede da fazenda com outras 5 famílias por cerca de um ano. No ano seguinte, 2005, houve a entrega de posse. Nesse mesmo ano, saíram as casas. Era a gente trabalhando no roçado e ajudando a construir as casas, lembra com alegria dona Zezé.

O assentamento foi batizado de Almir Muniz, como forma de homenagear o

companheiro assassinado na luta. Era o início de uma nova vida para a família, que tanto lutou pelo direito à terra. Em comum acordo, as famílias dividiram seus lotes, cada um ficou com 13 hectares e meio. Junto com as casas foi construída também uma cisterna de beber pelo Cooperar. Em 2011, a família construiu, perto de casa, um poço artesiano, com recursos próprios. Na propriedade existe ainda um barreiro, que apesar de pequeno, nunca secou.

Em seu lote, a família de Zezé botou roçados de mandioca, feijão, milho, batata doce, amendoim, macaxeira e inhame. Além do roçado, eles plantam perto de casa as fruteiras: coco, goiaba, manga, maracujá, acerola, graviola, seriguela, mamão, abacate, abacaxi e cajarana. Mesmo com dificuldade, devido à seca, a família mantém uma pequena horta perto de casa, com pimentão, pimenta, beterraba, coentro, couve, alface e tomate. Ao redor de casa plantam ainda as medicinais louro, capim santo e riso do eno roxo.

Os canteiros foram cuidadosamente feitos por Lidiane, reaproveitando garrafas pet. A jovem aprendeu esta e outras experiências no Curso de Técnico em Agroecologia que está fazendo no município de Glória do Goitá, em Pernambuco. O curso tem duração de um ano e meio e os alunos passam uma semana por mês tendo aulas e, no restante do tempo, retornam as suas comunidades para a vivência no campo.



Lidiane diz que se interessou pelo curso pensando em colocar em prática no sítio dos pais os conhecimentos estudados no curso. A jovem conta que já pensou em sair do sítio, mas isso foi antes de ter a formação que tem hoje, que segundo, ela, teve grande apoio da CPT, que a ajudou a ver que é possível viver no campo. Eu fui dando mais valor à vida no campo e hoje não penso mais em sair. Lidiane já liderou um grupo de jovens no assentamento chamado JCAM – Juventude que Constrói o Almir Muniz.



O grupo se reunia para promover ações de reflorestamento de áreas das nascentes e reservas. Eles tinham o objetivo de construir um viveiro com mudas que traziam de comunidades vizinhas. Falavam ainda sobre cultura e história local e organizavam festas relacionadas com a cultura local e popular. O